

“VIVA AS ALMAS DA BARRAGEM!” AS DISPUTAS DE MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA CAMINHADA DA SECA, SENADOR POMPEU-CE.

Karoline Queiroz e Silva*

RESUMO: Esse artigo tem por objetivo analisar a construção da Caminhada da Seca, de Senador Pompeu, Ceará, entre os anos de 1982 e 2012, percebendo a articulação de dois grupos em seu interior, identificados como místico-religioso e político-religioso. A Caminhada faz referência à seca de 1932, ao Campo de Concentração do Patu e à epidemia de cólera. Os flagelados que padeceram diante da seca, chamados de “almas da barragem”, sofreram um processo de santificação junto à população local e sua memória se tornou o fio condutor da celebração e objeto de disputa entre os grupos já citados. O trabalho estabelece um diálogo entre história, memória e religiosidade, no embate entre fontes orais e escritas.

PALAVRAS-CHAVE: SECA – MEMÓRIA - RELIGIOSIDADE.

INTRODUÇÃO

Muitos são os trabalhos que tratam de religiosidade popular e suas manifestações. Esse campo também não está restrito aos historiadores, tendo estudos de sociólogos, antropólogos, teólogos, dentre outros campos. O assunto gera discussões por vezes calorosas, sobre o que seria considerado popular e qual a real importância dessas manifestações dentro do espaço dito oficial da Igreja Católica. Mas, o que acaba sendo consenso nos diversos trabalhos é o reconhecimento da pluralidade, da diversidade. Segundo Daniela Nunes:

“Por seu turno, a História das Religiões integra esse processo de mudanças nos campos teórico e metodológico e de larga observação consagrada à diversidade cultural, tornando essa diversidade, em sua dimensão sagrada, legítimo objeto de investigação histórica.”
(NUNES, 2008: 2)

A partir da leitura de trabalhos sobre religiosidade nos primeiros semestres de curso, fui levada a pensar essas práticas em determinadas regiões, como no interior do Ceará. Não estou dizendo com isso que a religiosidade popular é um fenômeno característico do interior, do Nordeste, do semi-árido, pelo contrário, no estudo das

* Granduanda em História, na Universidade Federal do Ceará. Orientador: Prof. Dr. Frederico de Castro Neves.

religiões e das práticas religiosas, vemos como esse ramo vem crescendo e muito são os trabalhos em diversas regiões do Brasil e do mundo.

Porém, a partir de um interesse particular pelo sertão do Ceará, me levei a leituras como o artigo do Prof. Dr. Régis Lopes “Da casa do santo ao santo da casa: o espaço de devoção em Juazeiro”, publicado na revista *Trajetos* em 2007 e de Michelle Ferreira Maia, em seu livro “Lembrança de Alguém: a construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras”, resultado de uma dissertação de mestrado defendida em 2008, na Universidade Federal do Ceará. Esses estudos foram me conduzindo a trabalhos como de Mircea Eliade, “O sagrado e o profano: a essência das religiões”, de 1992 e de Carlos Rodrigues Brandão, intitulado “Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular”, de 1980. Na análise dos trabalhos de Régis Lopes e Michelle Maia, fui levada a pensar a questão da santificação, da devoção a figura de uma pessoa comum que se torna santo e passa a operar muitos milagres. Nesse viés, a análise do espaço no qual essa devoção se constrói e quais os sujeitos envolvidos, se torna fundamental.

Ainda penetrando no ambiente do sertão cearense, outro tema de estudo que me ocorreu foi a seca. São muitos os estudos sobre esse tema, há mais de um século, muitos estudiosos se empenham na produção de trabalhos sobre o assunto. Tanta é a produção que historiadores que abordam essa temática sofrem com certo preconceito, alguns dizem que “esse assunto já está ultrapassado, a temática já está esgotada”. Porém, através de uma reportagem do jornal *Diário do Nordeste*, me despertei para a pesquisa de uma caminhada, que ocorria em Senador Pompeu, Ceará, envolvendo elementos religiosos e fazendo referência à grande seca de 1932.

Caminhada da Seca, como é conhecida a celebração, acontece em Senador Pompeu, desde 1982, em todo segundo domingo do mês de novembro, seu percussor foi o padre italiano Albino Donatti. Várias pessoas se reúnem na Igreja Matriz da cidade, ainda na madrugada, para saírem em procissão rumo ao Cemitério da Barragem, construído para homenagear os falecidos na seca de 1932, no Campo de Concentração do Patu, localizado a aproximadamente 4 km do centro de Senador Pompeu, que em 32, foi um dos maiores do Ceará. Os mortos são conhecidos como as “almas da barragem”, responsáveis por vários milagres.

Logo em minhas primeiras pesquisas, notei a ausência de trabalhos sobre a Caminhada. Eram muitos blogs, vídeos, documentários, mas nenhum trabalho escrito

sobre o tema. Minha perspectiva inicial era de abordar a Caminhada da Seca simplesmente como um fenômeno religioso, ligado à memória do Campo de Concentração, levando em consideração as leituras que antes citei sobre religiosidade. Porém, durante a pesquisa, na busca por fontes, percebi que o evento era mais do que uma simples caminhada religiosa. Além do lado religioso, havia um político, que via a Caminhada como uma forma de reflexão, de luta pelos direitos dos moradores da Barragem do Patu, de convivência com o semi-árido, dentre outras causas que me foram aparecendo.

A partir disso poderíamos constatar a presença de dois grupos, o religioso e o político. Porém, com a análise das fontes a serem apresentadas ao longo deste trabalho, percebe-se que a distinção dos grupos não poderia ocorrer dessa forma, pois ambos ligam-se à Igreja Católica de alguma forma e fazem referência às “almas da barragem”. Portanto, optei por diferenciá-los como sendo místico-religioso e político-religioso, entendendo que ambos, de formas próprias, associam-se à religião. Mas, através das fontes, como podemos diferenciar esses dois grupos?

A constatação da Caminhada da Seca como mais que um simples momento religioso, me levou a criar cada vez mais interesse pela pesquisa. Considero o tema de grande importância, pois em um único momento, vemos muitas representações, relações de poder, interação entre diferentes sujeitos. Vemos nessa análise a presença da religiosidade, da política, da seca e como tudo isso se articula em um determinado espaço.

O objetivo desse trabalho é analisar alguns elementos presentes na Caminhada, percebendo como os dois grupos, antes citados, atuam dentro e fora da celebração. É fundamental analisar o processo de santificação das almas dos flagelados que padeceram diante da seca de 1932. Como a população vê a Caminhada da Seca? Quem foi o padre Albino Donatti e qual sua importância para os dois grupos? Não há trabalhos escritos sobre o tema, portanto, a partir do contato com as fontes, o método utilizado para tal pesquisa será o uso de fontes orais, visuais e escritas, produzidas de forma diferenciada pelos grupos, em cruzamento com bibliografia sobre religiosidade e seca, como dita anteriormente.

“VIVA AS ALMAS DA BARRAGEM!” A 29ª CAMINHADA DA SECA

Na manhã do dia 13 de novembro, segundo domingo do mês, às 4 e 15 da manhã, alguns já se encontram na Igreja Nossa Senhora das Dores, matriz de Senador Pompeu. Outros estão pelas ruas fechando suas casas para dirigirem-se até o mesmo local. Carros, paus-de-arara, ônibus, muitos grupos vão chegando e se cumprimentando. São pessoas de todas as idades, crianças, jovens, adultos, idosos, todos vestidos de brancos, uns ou outros se diferenciam da multidão por suas roupas de outras cores.

Vemos *flashes* de todos os lados, fotógrafos e cinegrafistas do município e da capital vieram para cobrir a grande celebração. O padre se dirige à calçada para cumprimentar os fiéis. Em certo momento, o padre tira fotos com um grupo de crianças e antes do *flash* pede que estes lhe respondam “viva as almas da barragem!” e em seguida todos “viva!”. Rapidamente o número de pessoas aumenta e o padre se dirige ao altar da igreja para dar início à caminhada.

Percorrendo as ruas da cidade, orações e cânticos são puxados por uma senhora que se encontra no carro. O padre também conduz algumas orações. Pessoas que se encontram na calçada unem-se a grande procissão. Alguns que apenas observam o movimento cumprimentam quem está no interior da celebração. A expressão “viva as almas da barragem” é falada por todos a todo o momento. Em outras caminhadas, algumas paradas eram realizadas, como em alguma casa e na cadeia pública. Nessas paradas, orações eram realizadas em prol dos que estão em sofrimento. Porém, esse ano o padre optou pela ausência de parada, pois, segundo ele “o povo já conhece as paradas, são as mesmas todos os anos”. Dessa forma a caminhada se conduz mais rapidamente.

Após quatro quilômetros, a procissão chega ao Patu. Na descida do morro, passamos pelas ruínas da Usina Gótica que pertencia aos ingleses onde o povo que estava no Campo de Concentração de 1932 realizava seus trabalhos. Atualmente, há uma placa colocada pela prefeitura indicando o local. Em frente ao Cemitério da Barragem, construído em 1980 em memória dos flagelados do Campo de Concentração, há um palco montado para o encerramento da romaria com uma missa campal. O cemitério é tido como o “marco fundante” da Caminhada da Seca.

À esquerda, há algumas barracas do Centro de Direitos Humanos Antonio Conselheiro, CDDH-AC, distribuindo sementes e panfletos do seu trabalho junto à comunidade. Há também dois carros que distribuem água e chapéus, ambos alegam que estão pagando uma promessa por uma graça alcançada. Muitas pessoas se dirigem ao

cemitério para fazerem orações e acenderem velas no crucifixo e na capela que se encontram no centro do local. Na capela, há muitas imagens de santos, fotos de pessoas, pedaços de roupa, rosas, tudo trazido pelo povo e muitos ex-votos. Além disso, são muitos os que realizam a caminhada sem calçados, em pleno sol escaldante para pagar suas promessas.

Durante a missa, todos estão atentos, alguns com suas mãos erguidas entoando orações. Como antes dito, são pessoas de todas as idades, inclusive crianças de colo. No momento das oferendas, muitas coisas são trazidas ao altar. Há um jarro com água, uma caçarola com sementes e madeiras cortadas em formato de pés onde estão gravados os nomes de todos os padres que participaram da caminhada, datando os anos em que eles estiveram na condução. Há também banners do CDDH-AC e um em homenagem ao padre Albino Donatti, que iniciou em 1982 a romaria.

Na homilia, o padre pede para que D. Luisa Lô, sobrevivente famosa do Campo de Concentração do Patu, dê o seu depoimento. Todos os anos, um carro é enviado pela paróquia para a casa de D. Luisa para conduzi-la à caminhada. Ela ainda mora na Barragem do Patu, próximo ao campo numa casa simples. Todos a conhecem e a cumprimentam. Seu depoimento na missa se confunde com sua “grande” história de vida, cheia de sofrimento de alguém que presenciou seca e mortes em 1932. Após alguns minutos, o padre retoma o microfone, percebendo que D. Luisa se estenderia demasiadamente em sua narração.

No final da celebração, um ritual é proposto pelo padre e prontamente realizado por todos. Quem possui uma garrafa de água em suas mãos deve fazer um pedido e derramar um pouco no chão logo em seguida. Segundo ele, seu pedido feito às almas da barragem será atendido e a água serve para “dar vida” à terra seca. Com o fim, algumas pessoas se dirigem ao altar para cumprimentar D. Luisa. Os fotógrafos tiram fotos de todos. Nesse momento, o padre autoriza a abertura dos portões do cemitério e uma grande multidão se aglomera.

Há muitas pessoas acendendo velas no cruzeiro de ferro que se localiza a frente do cemitério. No interior do cemitério, o povo também acende suas velas. Outros ainda se conduzirão à barragem, onde há as ruínas do Campo de Concentração de 1932. A movimentação de partida é maior que a que ocorre em frente à Igreja Matriz. São muitos ônibus enviados pela prefeitura, carros mandados por empresários, paus-de-arara

e carros particulares. Muitos ainda escolhem voltar a pé e até mesmo com os pés descalços, pagando suas promessas. Assim, com um aglomerado de carros, ônibus e pessoas se encerra a 29ª Caminhada da Seca.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA CAMINHADA

A primeira Caminhada ocorreu em 1982, no segundo domingo do mês de novembro, quando o então vigário da Paróquia de Senador Pompeu, padre Albino Donatti, mobilizou os fiéis para que fizessem o percurso saindo da Igreja Matriz ao Cemitério da Barragem para que fosse celebrada uma missa para os falecidos na seca de 1932. Percebemos que, desde 1982, a estrutura do evento continua a mesma, o mesmo percurso é feito todos os anos e ao final há a celebração eucarística.

Porém, alguns elementos são incorporados e outros excluídos a cada ano. Esses elementos são base para o entendimento do processo histórico de construção dessa Caminhada, tendo sempre em vista que a história é feita de rupturas e continuidades que garantem a dinâmica da própria história. Ao empreender a busca por esses elementos representados na celebração, muitas questões aparecem: que elementos são esses? Como eles são representados? Por quem? Para quem?

Para responder a essas questões iniciais recorri, primeiramente, a instituição que está à frente da caminhada: a Igreja Matriz de Senador Pompeu. Após uma intensa busca em arquivos paroquiais, os únicos documentos que se encontram na igreja são livros de batismo, antigas certidões de óbitos, documentos de crisma e catecismo e um livro de tombo. No livro, há apenas registrado a entrada e saída de padres e levantamentos de bens da casa paroquial e da igreja. Questionei com pessoas que trabalhavam na secretaria se não haveriam registros escritos da caminhada e, infelizmente, recebi uma resposta negativa. A partir disso, fiz a escolha de trabalhar com fontes orais, utilizando depoimentos de moradores de Senador Pompeu que acompanham a Caminhada da Seca desde sua criação e de pessoas que tiveram uma forte relação com a figura de padre Albino Donatti que iniciou o processo.

Como dito anteriormente, procurarei analisar alguns elementos da Caminhada, sendo o primeiro deles, de fundamental importância, a escolha da data para sua realização. Como não há registros escritos, as entrevistas foram muito esclarecedoras nesse aspecto. Em todos os depoimentos, prevaleceu a ideia de que o segundo domingo

do mês de novembro foi escolhido pela proximidade do dia dos finados. O senhor José do Nascimento, conhecido como Zé Damas, era o braço direito do Pe. Albino, chamado na cidade até de “soldado do padre”, os dois eram muito próximos, ao ser indagado sobre a escolha do ano de 1982, o senhor Zé Damas não soube dizer certamente o porquê dessa escolha, mas segundo ele, o padre sentiu a necessidade de realizar a mobilização, seu depoimento aponta algumas alternativas:

“Foi no segundo domingo porque ele achou que era uma data mais...mais bom para a religião né...porque no dia dois já tinha no cemitério a missa, aí ele pra não fazer no cemitério e tudo junto, foi e botou pro segundo domingo. [...] O motivo foi só porque ele sentiu que precisava fazer, que todo mundo sabia que no cemitério ali foi enterrada muita gente... gente até viva foi enterrada. Porque naquela época, a comida que vinha era o feijão preto, a farinha amarela, só dava dor de barriga e provocava doença.”

Seu Jesuíta, irmão do Sr. Zé Damas, ainda nos fala que o padre soube do que existia no Cemitério da Barragem e viu que o povo era muito devoto das almas da barragem, acreditava nos milagres e que essas almas eram santas. Por isso, ele decidiu fazer uma peregrinação para reunir o povo e orar pelas almas: “Já que essas almas tem fama de santa, as pessoas recorrem à elas, vamos fazer uma peregrinação até lá.”

Com isso, surge a indagação: mas para que lembrar os mortos na seca de 1932? E por que a escolha de 1982 como primeiro ano? Segundo padre Carlos Roberto que permaneceu na paróquia de 2005 à 2011, a Caminhada é algo do povo, a crença nas almas da barragem já exista em meio às pessoas:

“Porque foi também a questão da resistência ao clima, à seca, uma reflexão sobre tudo isso ele começou. Ele associou a seca de 32 com as questões que a comunidade vivia. Associando assim, ele trouxe à tona o que já tinha que é a fé nas almas da barragem, que foi um povo que morreu no ano de 32, onde foi um campo de concentração e aí eu percebi que eles diziam que era o primeiro campo de concentração do mundo. [...] Então era muita gente e isso levou as pessoas a verem o sofrimento e do sofrimento o resgate dessa nova humanidade, o povo, de pensar no outro. Então quando havia estado de seca no Nordeste se pensava também nas almas da barragem que morreram na seca. Isso foi uma ligação muito boa, muito bem vinda. Aí, a gente continuou esse trabalho do padre e os outros também continuaram, os outros padres que vieram antes de mim até chegar no padre Albino.”

Nas palavras do padre Roberto, já se levanta uma série de outros elementos como a fé nas almas da barragem por parte do “povo” que antecede à chegada do padre Albino Donatti e a questão da reflexão sobre o clima e o sofrimento trazido pela seca, os

quais considero fundamentais em minha análise. A indagação anteriormente colocada sobre a escolha do ano de 1982 não é respondida claramente em nenhuma das entrevistas e, pela dificuldade de fontes escritas, como já dito, é difícil de ser respondida. Então, a conclusão que me permito fazer parte da rápida fala do Pe. Roberto de que a escolha do Pe. Albino se deu pela associação com a seca do ano de 1932 e, exatamente em 1982, estava-se lembrando 50 anos do Campo de Concentração do Patu.

A fé nas almas da barragem é o principal elemento para entendermos a Caminhada. Os fiéis que frequentam a Caminhada e o Cemitério do Patu acreditam que os mortos na seca de 1932 são santos e suas almas realizam milagres. Muitos são os depoimentos de milagres realizados pelas almas. Pessoas voltaram a andar após grave acidente de cavalo, mães encontraram a cura da hepatite para os filhos através de um chá, outros tiveram a possibilidade de se tornarem pais, são inúmeros os relatos de milagres. Segundo uma senhora:

“Foi um acidente que meus filhos sofreram e eu me peguei com as almas da barragem, se eles escapassem, eu vinha ascender 10 maço de vela e hoje, graças à Deus, eu vim e to muito feliz de ter pagado minha promessa e meus filhos estarem bem de saúde.”

Mas o grande questionamento é: como as almas dos flagelados se tornaram santas? Michelle Ferreira Maia, em seu livro Lembrança de Alguém: a construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras nos apresenta a história de um ladrão da cidade de São Benedito que virou santo após a sua morte e recebe muitas peregrinações à seu túmulo. Para a autora, sua alma passa por um processo de santificação ligado ao sofrimento de uma vida de pobreza e o arrependimento de seus pecados na hora da morte, elementos encontrados nos depoimentos utilizados por Michelle, a autora diz “A morte de João das Pedras recebe outra interpretação além da ‘não naturalidade’. A morte liberta João das Pedras.” (MAIA, 2008, PAG: 171). Com isso, temos que a morte liberta João dos males de dos pecados, seu sofrimento o liberta. Dessa forma, o sofrimento dignifica, santifica a alma. O Sr. Zé Damas fala “Eu tô pensando que já tinha muita alma santa delas. Porque o sofrimento que elas sofreram é pra ser santa.”.

Michelle ainda nos fala da relação de devoção dos vivos para com os mortos, que se dá tanto no meio privado quanto no público:

“A relação construída com as almas penadas segue um critério particular escolhido por cada um. Uma devoção que percorre espaços privados e coletivos. O âmbito da casa guarda os altares

improvisados na mesinha de cabeceira da cama, ou postos sobre a sala de estar; outros em cima do armário da cozinha estão postos, esperando receber as velas que também oram junto com as orações suplicadas. Alguns destinam o relento dum canto do quintal para rezar para os mortos. [...] Além do lar, aqui sendo denominado um espaço de devoções privadas, advêm as devoções públicas que se dão em momentos e espaços coletivos, como durante as celebrações de missas, novenas, festas de santos e de padroeiros. Podemos crer que a prática vivenciada, seja no privado ou no coletivo, é unida por um único laço: a oração, [...].” (MAIA, 2008, PAG: 205)

Essa relação apresentada pela autora é bem observada na caminhada e entre os fiéis que creem nos milagres das almas. No interior do Cemitério da Barragem, como antes dito, há a capela que abriga uma grande variedade de ex-votos. Durante a própria celebração, vemos pessoas pagando suas promessas, realizando todo o percurso d pés descalços. Nas missas, também temos agradecimentos de graças alcançadas às almas da barragem. Esse foi o cenário encontrado pelo padre Albino ao chegar a Senador Pompeu em 1980. É somente a fé nas almas da barragem que mobiliza pessoas para a Caminhada?

Na busca por fontes documentais, fui levada à sede do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro, CDDH-AC, que, como antes falado na descrição da caminhada, possui uma barraca para distribuição de sementes e mudas na porta do cemitério no dia da celebração. O centro foi criado em 1983 pelo Pe. Albino Donatti, que empreendeu uma luta pelos direitos dos pequenos proprietários de terra da Barragem do Patu que foram ameaçados de perdê-las e não serem indenizados pelo DNOCS. Marta Sousa, atual secretária do CDDH-AC, em entrevista concedida, nos coloca que a atual proposta do centro é promover a convivência no semi-árido, conscientizar a população e pensar a seca como um fenômeno pertencente à região, ao clima.

Através do arquivo do CDDH e das entrevistas concedidas por Marta Sousa e Sr. Zé Damas, percebemos outra vertente de atuação do Pe. Albino: a luta política. Um dos documentos encontrados no centro é uma denúncia de torturas praticadas por policiais na cadeia pública de Senador Pompeu, de 1984 a 1987. Padre Albino realizava visitas frequentes aos presos e, em conversas com os mesmos, soube dos maus tratos sofridos na prisão e dos abusos de autoridade praticados pelos policiais dentro e fora da instituição. O documento de denúncia foi endereçado ao então governador do Estado do Ceará, Tasso Jereissati.

A partir dessa fonte, podemos fazer uma conexão com um dos elementos presentes na Caminhada: a parada em frente à cadeira pública. Todos os anos, nas paradas, são realizadas orações em prol dos “necessitados”. Com denúncias de tortura na cadeia, essa passou a ser uma das paradas obrigatórias. Com isso, vemos a questão das lutas sociais presentes no interior do evento, sendo incorporadas por ela através da figura do padre Albino Donatti. Mas como se dava a ação do padre? Qual sua importância na constituição do que a Caminhada é hoje?

Nos arquivos do CDDH-AC, também tive acesso à um abaixo-assinado feito em nome da população de Senador Pompeu denunciando uma agressão sofrida pelo padre Albino Donatti por parte do filho do então prefeito da cidade, José Rolim. O cabeçalho do documento assim descreve:

“A população de Senador Pompeu, através desse abaixo-assinado, vem perante Vossa Excelência Prefeito Municipal de Senador Pompeu – Ce repudiar a agressão sofrida por Padre Albino Donatti, vigário da paróquia desta cidade, efetuada pelo Sr. Elder Cambraia, no dia 06 de Março de 1984, terça-feira de carnaval, na ocasião em que o vigário pedia para pararem a batucada por uns quinze (15) minutos enquanto fazia a encomendação de um corpo. A comunidade religiosa de Senador Pompeu sente-se profundamente abalada com atos dessa natureza.”

Uma reportagem de um jornal da época também nos ajuda a conferir ao Pe. Albino, verdadeira postura política, homem que lutava pelas causas do povo. A manchete assim dizia: “Prefeito José Rolim se diz perseguido por um padre estrangeiro e político.” Porém, devemos nos perguntar se o padre realmente estava “metido na política”, levando em consideração sua postura dentro da Igreja Católica. Reconstituindo seus passos e tendo como auxílio um biografia sua encontrada no Centro de Direitos Humanos, mesmo antes de ser transferido para Senador Pompeu, Pe. Albino já havia tido confrontos de natureza política em Cajazeiras, Paraíba, onde residiu por seis anos.

A partir dessas leituras, das fontes orais e escritas que apontam o padre como um “homem de lutas sociais” e o lema do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Ver, Julgar e Agir, uma questão pode ser levantada: Pe. Albino Donatti era filiado à Teologia da Libertação, corrente da Igreja Católica empenhada nas lutas sociais dos oprimidos? Padre Albino de colocava sempre contra a violência, intercedendo sempre pelos

oprimidos por vias legais ou manifestações pacíficas. No livro Igreja: Carisma e Poder, de Leonardo Boff, a Teologia da Libertação valoriza a religiosidade popular:

“Nas comunidades e já em toda nossa pastoral existe uma grande valorização da religiosidade popular: às devoções aos santos do povo, às procissões, às romarias e outras festas típicas. Estas expressões não são decadência do catolicismo oficial, ortodoxo, culto. É a forma como o povo, dentro de suas categorias, assimilou a mensagem de Jesus.”

A partir dos documentos do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, das entrevistas e a própria observação do ritual da Caminhada da Seca, foi possível levantar a hipótese de que a mesma possui em seu processo de construção, uma disputa de memórias travadas entre dois grupos: o místico-religioso e o político-religioso. Mas como chegar a essa hipótese? Através do caminho trilhado pela figura do padre Albino Donatti, podemos perceber as duas frentes nas quais o mesmo estava engajado: a religiosa e a política. Sua atuação foi marcante para a população de Senador Pompeu, porém, dependendo de quem fala de sua atuação um desses aspectos é ressaltado.

Entretanto, o que não pode ser negado é que, talvez por suas orientações teológicas e suas experiências de vida, foi possível que a caminhada acontecesse. Somente sua figura, frente aos dois lados, fez com que a população se unisse para lembrar os mortos da seca de 1932 de forma mais organizada, ligada à igreja e pensando a própria realidade em que estavam inseridos. Mas como diferenciar essas duas frentes, os dois grupos? A primeira diferença logo percebida em minha busca por fontes foi a diferente forma de produção das mesmas pelos dois grupos.

Pessoas mais engajadas e preocupadas com o lado místico do evento, como a lembrança dos flagelados, pedidos de graças, pagamento de promessas, dentre outras realizações, não se encontram empenhadas na produção de fontes escritas e organizadas. Disso, poderíamos levantar muitas hipóteses do por que dessa ausência de arquivos escritos. Porém, não pretendo responder essa questão no momento, pois creio que é necessário maiores investigações junto à população que frequenta a Caminhada que se darão ao longo da pesquisa. Mas, de imediato, a conclusão é de que essa é uma questão de grande relevância. Uma segunda questão a ser pensada a respeito desse grupo é: qual a mística presente na caminhada, à qual esse grupo se liga?

Outro elemento que diferencia os dois grupos é a sua forma de atuação dentro e fora da celebração. O grupo político, mais empenhado na conscientização da população perante sua realidade, no dia do ato, como dito anteriormente na descrição, se faz bastante presente através de faixas, banners, tendas e também no registro do evento por forma de fotos, vídeos e gravações de áudio. Um de seus nomes é Fram Paulo, responsável pelo Grupo Usina e por blogs, onde se encontram documentários e vídeos sobre o evento e outros temas relativos à comunidade de Senador Pompeu.

Em determinado momento de sua entrevista, ele nos fala que a Caminhada começou a ganhar visibilidade com as iniciativas culturais empreendidas em fins da década de 1990 para os anos 2000:

“A gente criou na época a Equipe Cultural 19-22 e foi como a gente conseguiu dar visibilidade a história. Veio o Fantástico, a Record, o jornal O Povo fez uma matéria [...] Aí foi quando deu visibilidade ao fato histórico. Em consequência disso, os casarões, o patrimônio, veio a questão da religiosidade, veio junto. [...] Um fato que é interessante, que a gente observou, foi a arte ela teve um papel fundamental. Foi em 2007 que aconteceu de ter maior visibilidade enquanto caminhada. A gente gravou um filme chamado “As almas do povo é o santo do povo”, aí o que a gente fez: a gente vai pegar esse filme e passar em todas as escolas, em todas as comunidades pra que as pessoas possam conhecer a caminhada e mais gente vir. E nisso, divulgou de maneira tal que, no ano seguinte, escolas fizeram caravanas e foi bem interessante.”

Em sua fala, percebemos a concepção de que a real divulgação da caminhada se deu pelas iniciativas culturais do grupo. Mas, a questão é: para que divulgar? Para que atrair cada vez mais pessoas? É claro o empenho pela divulgação e, como antes dito, a própria função do CDDH-AC que também faz parte do grupo político é promover a reflexão da realidade dos habitantes do semi-árido. Junto a esse grupo, temos o místico-religioso, mais ligado à fé nas almas da barragem e nos milagres, em uma relação mais íntima com o sagrado e com a Igreja. Mas será que é somente para promover a reflexão?

Mas qual é a disputa de memória entre os dois grupos? A principal referência que é objeto de disputa desses grupos está ligada ao Campo de Concentração do Patu, à seca de 1932 e à epidemia de cólera. Além disso, a construção de um imaginário popular sobre as “almas da barragem” dá subsídios para a criação do cemitério e para a formação de um campo propício para a organização da Caminhada. Cada um se utiliza do ocorrido em 32 para legitimar suas ações e seus discursos. A própria figura do Pe.

Albino Donatti circula entre os dois grupos, a partir da análise de fontes apresentadas da sua trajetória como vigário, ele é a personificação dos anseios de ambos.

CONCLUSÃO

Portanto, pensar como esses dois grupos, nessa disputa de memórias se articulam dentro da Caminhada e com eles participaram do seu processo de construção são as principais indagações resultantes da trajetória traçada pela análise das fontes às quais tive acesso. Todo o caminho de tratar das almas da barragem, da escolha dos elementos que compõem a celebração, da atuação do Padre Albino Donatti foi para perceber justamente como o evento é dotado de elementos místicos e políticos, no interior de uma manifestação religiosa.

Com a pesquisa ainda em andamento, muitas das indagações ainda não podem ser respondidas. A busca por bibliografias que possam casar com o tema se intensifica a cada dia. A relação com os habitantes de Senador Pompeu também se torna mais íntima, tendo em vista que seus depoimentos são fundamentais para o entendimento da celebração, que conta com poucas fontes documentais de seu registro. Porém, a partir do desenvolvimento de pesquisa até o momento, concluímos que a presença de dois grupos na Caminhada é perceptível e é a dinâmica da relação entre eles que se destaca, mostrando sua disputa de memórias na constituição do evento religioso.

FONTES DE PESQUISA

Entrevistas:

Padre Carlos Roberto, 35, Senador Pompeu, Ceará. Entrevista concedida em 12 de novembro de 2011.

Sr. José Gonçalves do Nascimento, 80, Senador Pompeu, Ceará. Entrevista concedida no dia 21 de abril de 2012.

Sr. Francisco Jesuíta Chagas, 82, Aurora, Ceará. Entrevista concedida em 20 de abril de 2012

Sra. Maria Rodrigues. Entrevista contida no documentário “Caminhando ao Campo Santo”, produzido em 21 de março de 2012.

Francisco Paulo Ferreira da Silva, 36, Senador Pompeu, Ceará. Entrevista concedida no dia 20 de abril de 2012.

Jornais:

Jornal recortado, sem referência, presente no arquivo do CDDH-AC

Outros documentos:

Abaixo-assinado, Senador Pompeu, Ceará. Datado de 09 de março de 1984. Arquivo do CDDH-AC.

Carta endereçada ao Governador do Estado do Ceará, de 29 de junho de 1987, em nome do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro e do vigário da paróquia Pe. Albino Donatti. Arquivo do CDDH-AC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder; ensaios de eclesiologia militante**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1982.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MAIA, Michelle Ferreira. **Lembrança de Alguém: a construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras**. Dissertação (Mestrado) em História Social. UFC. Departamento de História, Fortaleza, 2008

RAMOS, F. R. L.. **Da casa do santo ao santo da casa: o espaço da devoção em Juazeiro**. Trajetos (UFC), v. 5, p. 165-204, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Taq/Edusp, 1987.

CHARTIER: Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

RIOS, Kenia Sousa. **Campos de concentração no Ceará : isolamento e poder na seca 1932**. Fortaleza, CE : Museu do Ceará, 2001.

SOUZA, Simone (Org.). **História do Ceará**. 2ª edição. Fortaleza : Fundação Demócrito Rocha, 1994.